

## UMA PESQUISA QUALITATIVA REALIZADA POR MEIO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA ABORDAGEM MULTIFOCAL

Renata Rovaris Diorio<sup>1</sup>

**Resumo.** A motivação desse artigo deu-se a partir de uma pesquisa realizada em 2004, em escolas públicas e particulares do ensino fundamental, em Campo Grande-MS, utilizando a Análise de Conteúdo (AC), em caráter investigativo de dissertação de mestrado em Educação. Porém, esse artigo não tem o objetivo de divulgar resultados dessa pesquisa, mas sim, de esclarecer o que consiste a Análise de Conteúdo, de linha francesa, e como a mesma pode ser utilizada como aporte teórico em pesquisas, nas várias áreas do conhecimento. Assim, trata-se de uma revisão bibliográfica, a fim de demonstrar a importância desse referencial teórico em investigações na área da Educação. Quando o pesquisador inicia uma pesquisa, no intuito de desvendar algo, já possui hipóteses iniciais a sua investigação, mas o referencial teórico é sempre um “dilema”. Por isso, esse artigo possibilita algumas reflexões, através do exemplo dessa pesquisa realizada, de como proceder no campo teórico, “alicerce” que fundamenta todo o trabalho investigativo científico.

Palavras-chave: Educação. Pesquisa. Análise de Conteúdo.

**Abstract.** The motivation for this article was a research that happened in 2004, at the public and the private schools from the elementary Education, by using the “Analyses of the Speech” as a methodological tool for this investigation, in Campo Grande/MS. This research took place because of my master degree had started there. However, this article doesn’t have the aim to talk about the results of this specific research, but it shows through this investigation, through this example, the meaning of this theoretical French “embasement”, which it may be used as a tool for many different social areas of knowledge. So, this article is a bibliographical review with the aim to show the importance of this theoretical tool for the scientific social education investigations. On this way, when the researcher starts a research, he has already had some hypothesis on his mind, in order to find out if they are true or not. But, the “teorical way” for the specific analyses is always hard to discover. Because this, this article gives the opportunity to the researcher to make reflections about this target teorical methodological tool, in order to built some answers and others possibilities for the specific social education investigations.

Keywords: Education. Research. Analyses of the Speech.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação/Universidade Federal do Ceará. Colégio Militar de Fortaleza (CMF), Fortaleza/CE, Brasil. renatarovaris@hotmail.com

## 1 Introdução

Para qualquer pesquisa é necessário um aporte teórico. Partindo desse pressuposto, nesse artigo abordo como realizei uma investigação científica apoiando-me na Análise de Conteúdo (AC), de linha francesa.

O material coletado em um trabalho científico deve ser analisado sob a ótica de um referencial teórico metodológico. Isso é o que dá sentido científico à pesquisa, alvo de qualquer estudo. Sem isso, o trabalho fica somente no “senso comum”, ou seja, sem esse caráter científico; não há significado acadêmico e a pesquisa fica “solta”, sem nexos, sem valor de comprovação científica.

Sob essa perspectiva, para mostrar as expectativas dos alunos, em relação aos processos de ensino e de aprendizagem de língua inglesa e analisar as falas dos professores sobre os processos de ensino e de aprendizagem desse idioma, bem como a prática pedagógica desses docentes, amparei-me na técnica da Análise de Conteúdo (AC), que é definida por Bardin (1977, p. 42), como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens indicadores (qualitativos ou não) que permitam inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ao seguir os passos da AC, o pesquisador obtém diferentes alternativas, que o aproximam do objeto a ser analisado, podendo utilizar segundo Bardin (1977, p. 42)

[...] várias opções, em complementaridade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando, assim, a uma interpretação fundamentada.

## 2 A Análise de conteúdo e os enunciados

O pesquisador deve conhecer inúmeras possibilidades de análises dos enunciados para analisar o conteúdo das mensagens que se propõe a investigar. Todas as iniciativas em explicitar melhor o conteúdo, através de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto sistemático de técnicas, devem ser utilizadas na AC, porque é na pluralidade de ideias que ela se consolida.

Dessa forma, a AC serviu para subsidiar, teoricamente, a análise das falas dos sujeitos que participaram da pesquisa, possibilitando inúmeros

“olhares”, utilizando os conhecimentos obtidos, em várias leituras, como apoio na fundamentação das análises. É possível por meio da AC, “navegar”, sempre com auxílio da Psicologia, Antropologia, História, Pedagogia, Sociologia por entre outras ciências, validando as análises das falas dos sujeitos que participaram da pesquisa. Digo isso porque a AC é uma técnica de análises de dados multifocal, o que significa analisar o objeto em estudo, por meio de vários ângulos possíveis, e, neste caso, “ver” e “sentir” o objeto analisado, por meio de diversas fundamentações científicas.

Ao focar as expectativas dos alunos e as concepções dos professores, assim como ao tentar compreender o que ambos pensam sobre o processo de ensino e de aprendizagem do inglês na 8ª série do Ensino Fundamental (atual 9º ano), é possível observar, por meio de seus depoimentos, relatos e falas a reprodução das relações de dominação que caracterizam o macro contexto social e a forte influência da ideologia presentes nas práticas concretas em sala de aula. Para Giroux (1997, p. 167):

[...] o que é historicamente construído como estimado, aprovado, adequado e de valor instrumental é aprendido no “sentido” de uma versão discursiva

particular de algum aspecto de nosso ambiente e de nós mesmos.

Isto significa que os valores sociais constituem-se em representações historicamente construídas que legitimam o discurso particular do indivíduo. Assim, o geral sobrepõe o particular, ou seja, as práticas sociais coletivas construídas ao longo dos tempos refletem e constituem as representações, que, por sua vez, passam a ser também consolidadas no discurso individual.

Nesse sentido, as várias práticas escolares como a linguagem oficial, as regras da escola, as relações sociais, os procedimentos docentes e discentes em sala de aula, a seleção e organização do conteúdo das disciplinas escolares, as formas de avaliação, entre outras, são veiculadas a partir de imagens idealizadas, através de modelos propostos pelos órgãos oficiais que frequentemente têm a característica de transmissores de instruções.

Sob esse viés, e a partir do “aparato” cultural e político existente na Lei n. 9.394/96, Diretrizes e Bases da Educação e nos Parâmetros Curriculares Nacionais/1997 (PCN’s), cabe entender, portanto, quais são as representações sociais para os sujeitos participantes da pesquisa, no que diz respeito ao sentido, a finalidade e a

própria prática do ensino da Língua Inglesa.

Para demonstrar o acima já citado, pautei-me na AC. E desde que foi criada, a AC pautou-se no rigor do método e na validade dos procedimentos utilizados, chegando até a medir a produtividade da análise por meio de estatísticas.

E após diversos estudos de inúmeras áreas do conhecimento, tais como: da etnologia, da história, da psiquiatria, da psicanálise, da linguística, da sociologia, da psicologia, da política, entre outras ciências, os resultados alcançados nessas investigações contribuíram para o desenvolvimento de novas metodologias inseridas na AC, trazendo colaborações de outros entendimentos científicos, que vieram a compor também esse método.

Esse referencial teórico é marcado por duas correntes:

[...] o modelo instrumental, representado por A. George e G. Mahl e o modelo representacional, definido por G. E. Osgood. (BARDIN, 1977, p. 21).

O primeiro modelo considera que o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula (vista como instrumento), dado o contexto em que se encontra. Já o segundo modelo considera o léxi-

co essencial na tradução da mensagem, ou seja, a análise literal da palavra não basta, há necessidade de analisar os enunciados das falas dos sujeitos.

Nesse estudo, optei pelo segundo modelo, conforme Pêcheux (apud FRANCO, 2003, p. 10) assinala:

[...] a Análise de Conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça [...]

Utilizando o léxico, como meio para analisar o conteúdo dos enunciados. Neste sentido, o pesquisador trabalha com partes ou fragmentos de mensagens para inferir conhecimentos do emissor da mensagem, assim como, das condições de produção em que a mensagem foi construída.

Essas condições de produção não equivalem, simplesmente, às morfológicas ou sintáticas, mas às condições gerais do contexto, pelo qual o léxico foi construído. Dessa forma, os aspectos sociolinguísticos e culturais da linguagem, a intencionalidade do emissor da mensagem, o momento histórico em que a mensagem foi realizada e outros elementos são valorizados nesta linha de análise da AC.

O pesquisador, ao analisar os dados levantados em sua investigação, através da AC, preocupa-se em fazer

a “ponte” com estruturas semânticas ou linguísticas, com as estruturas psicológicas ou sociológicas. Essa preocupação advém da necessidade da análise ser fundamentada não apenas por um ou dois aspectos da linguagem, mas por um “leque” de opções que compõe a mesma. Fica evidente que esse entendimento somente é compartilhado por pesquisadores que concebem a linguagem como fruto imanente das relações sociais, porque para aqueles que entendem a linguagem como algo estrutural, constituído apenas de signos linguísticos, o entendimento pode ser apenas o da decodificação literal da mensagem. Acredito que a linguagem é como um tapete tecido por uma trama de fios que estão sob a aparência do mesmo, como um palimpsesto (na antiguidade, papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro). Isto significa que a compreensão da linguagem está além de sua superfície, ela está no “entendimento dos fios”, nas entrelinhas dos enunciados.

Ao analisar o contexto em que os enunciados são realizados, faz-se necessário a utilização do método dedutivo ou inferencial. Este não é raro nas ciências: por exemplo, o médico faz deduções ao diagnosticar o seu paciente. Da mesma forma, o pesquisador ao analisar as falas dos sujeitos, não

faz uma leitura literal, mas tenta realçar um sentido, que está nas entrelinhas do texto, isso porque o pesquisador entende a linguagem como uma teia composta por vários elementos que influenciam na compreensão do enunciado. Assim, a AC contribui para a descoberta de outros significados: políticos, históricos, psicológicos, sociológicos, etnológicos e demais possibilidades, visando à análise mais significativa dos dados coletados.

A AC trabalha a prática da língua, realizada por emissores que são identificáveis dentro de um contexto, segundo Bardin (1977). A mesma autora afirma também que enquanto:

[...] A lingüística estabelece o manual do jogo da língua, a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo, num momento determinado (BARDIN, 1977, p.43).

Isso significa trabalhar com as significações da palavra, considerando os vários sentidos que ela pode trazer consigo, em um dado momento. Por isso a AC possibilita ao pesquisador verificar outros sentidos, dependendo do contexto analisado. Esse trabalho ocorre por meio das inúmeras explicações de cunho científico de que o pesquisador dispõe para interpretar os enunciados nos contextos. Portanto, ele não analisa a palavra em si, de for-

ma unilateral, mas analisa a palavra inserida em contextos multissignificativos, isto é, podendo corresponder a inúmeras traduções da mesma palavra, porém, em contextos heterogêneos.

Nesse sentido, os pressupostos filosóficos da AC concebem a palavra, a fala dos participantes, como uma manifestação histórica dos sujeitos, não podendo ser analisada de uma forma única, mas de uma maneira multifocal (várias possibilidades a partir de uma compreensão da realidade), em que inúmeras explicações são possíveis mediante um referencial adotado.

Isso significa dizer que a AC deve ser compreendida como uma perspectiva, em que a linguagem não é estagnada, mas inserida em uma concepção crítica e dinâmica. Sobre a linguagem na AC, Franco (2003, p. 14) assinala:

Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo internacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.

A linguagem é a ação do homem, codificada nas artes, na literatura, na música, nos costumes, nas tradições, entre outras manifestações humanas.

As ações humanas são manifestadas por meio da linguagem em uma determinada dimensão espaço-temporal.

Neste sentido, entendo a linguagem como a própria manifestação da produção cultural dos homens. E os homens, por conseguinte, só podem ser entendidos como sujeitos singulares, com limites, capacidades, tempo próprio, experiências diferenciadas, interagindo em um contexto social por meio da linguagem. Os homens, ao se revelarem por meio de suas ações, reafirmam conceitos, renovam suas ideias, formulam novas concepções expressas pelas suas próprias representações da realidade onde vivem por meio da linguagem.

Desse modo, fui ao encontro do grupo social para analisar suas concepções sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Língua Inglesa e que estão implícitas nas falas dos sujeitos participantes da pesquisa. Penso que o importante numa investigação científica não é tão somente os resultados que ela traz consigo, mas o processo pelo qual a mesma foi realizada. Guimarães Rosa afirma que: “O real não está na saída, nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 84). O que significa dizer que o importante é o processo; como a pesquisa desen-

volve-se, e não, simplesmente, os resultados quantitativos ou qualitativos que ela pode trazer.

Na abordagem qualitativa, na qual se pauta essa pesquisa, são enfatizadas a descrição e a interpretação dos atos dos indivíduos, na medida em que estes falam, posicionam-se, politicamente e vivem, historicamente, em sociedade. Voltando para uma perspectiva de totalidade, de acumulação do conhecimento cultural, levando em conta todos os elementos da situação investigada, suas interações, modos de pensar, agir e influências ideológicas recíprocas, produzidas pelos homens.

Nesse sentido, Duarte (DUARTE, 2000, p. 51) afirma que:

[...] no significado de um objeto ou fenômeno cultural está acumulada a experiência histórica de muitas gerações.

Desse modo, o pesquisador deve ter “um olhar” histórico para poder compreender as ações humanas, suas representações inerentes à bagagem cultural da humanidade.

Se o pesquisador tiver “um olhar” meramente matemático-científico pode estar somente no campo empírico, não levando em consideração outros fatores que podem também compor os resultados da pesquisa. Por isso, o pesquisador deve ter uma ação, uma conduta dialética (de ir e vir ao

objeto em análise), possibilitando a apreensão da realidade de uma forma total e dinâmica, podendo ir e voltar ao objeto de estudo, várias vezes, até o término da análise.

Segundo Kosik (1976, apud FAZENDA, 1989, p. 89), o procedimento investigativo que se apoia no ir e vir ao objeto de investigação implica os seguintes passos:

- a) Valorizar o conhecimento prévio, analisando as múltiplas interfaces e dimensões do problema a ser analisado;
- b) Enumerar as categorias de análise, após o recolhimento do material a ser analisado;
- c) Analisar os dados, o que representa um esforço do investigador, em estabelecer conexões, mediações e contradições dos fatos observados;
- d) Atribuir forma ao todo, a partir dos elementos simples para os mais complexos;
- e) Elaborar uma síntese que consiste em uma redefinição das categorias analisadas, sendo esta uma maneira nova de ver, conceber, e organizar as categorias, muitas delas originadas dentro de outras visões de mundo, mas recriadas sob novas condições, novos interesses, sob um novo olhar. .

Esse procedimento científico equivale em reconhecer o alvo a ser analisado, isto é, analisar o material coletado por meio de eixos e categorias, estabelecendo “pontes” entre eles, re-



alizer uma síntese das informações, observando o contexto e propondo, se necessário, soluções ao problema investigado.

Dessa forma, a investigação parte do conhecimento anterior do pesquisador, levando-o a analisar, de forma ampla e complexa, todas as dimensões possíveis ao seu “olhar”, referentes ao objeto em estudo. Desse novo “olhar” sobre o fenômeno, surge um novo conhecimento do objeto investigado.

Para tanto, é essencial o conhecimento da realidade sócio-histórica dos participantes da pesquisa, pois esse conhecimento “[...] é um processo de apropriação teórica, isto é, de crítica, interpretação e avaliação dos fatos [...]” (FAZENDA, 1989, p. 80), por isso dinâmico, constante e de cunho intersíquico. É dinâmico e constante, na medida em que se desenvolve de forma sistemática em vários momentos interligados pelo contínuo ir e vir do objeto alvo da investigação no intento de compreendê-lo, interpretando-o adequadamente. Ou seja, não fazendo inferências incorretas ou afirmações respaldadas no senso comum. É intersíquico, pois advém da interação social, entre pesquisador, pesquisado e teoria, para posteriormente, ser internalizado por todos os participantes da pesquisa.

Em meu estudo, procurei adotar

esse procedimento investigativo, na medida em que fiz conexões das falas dos sujeitos com estudos teóricos sobre os processos de ensino e de aprendizagem da Língua Inglesa, prática pedagógica e dificuldades em aprender uma língua estrangeira, no Ensino Fundamental, sem deixar de considerar que as falas dos sujeitos originam-se em suas experiências, sintonizadas com o contexto cultural em que vivem.

### **3 Instrumentos e procedimentos utilizados na pesquisa de campo**

A pesquisa foi realizada no 2º semestre de 2004 e, como explicitada anteriormente, com um grupo específico, em um dado momento histórico, porém, em locais diferentes, seguindo os princípios da pesquisa qualitativa, a qual determina que o pesquisador deva estudar o indivíduo no seu meio natural, tendo em vista o contexto que influencia o seu modo de ver os fatos e suas falas dependem da sua história de vida, de seu conhecimento teórico e cultural, adquirido ao longo de sua trajetória de vida.

A pesquisa qualitativa também parte de fatos concretos, motivo pelo qual não valorizei apenas as informações quantitativas, preocupando-me com o modo de pensar dos alunos e dos professores participantes da investigação,



pois segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 49)

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

De acordo com a abordagem qualitativa, nada pode ser desconsiderado nas análises dos dados, porque os detalhes são demasiadamente importantes na fundamentação teórica do material coletado.

Utilizei como instrumento de coleta de dados uma entrevista semidiretiva, com perguntas fechadas e abertas, por acreditar que a mesma possibilita o contato direto entre o pesquisador/entrevistador e o entrevistado. E permite a ambos assumir uma postura flexível, ou seja, durante a entrevista, há um diálogo entre o investigador e o sujeito pesquisado, dentro de um clima confortável, de confiança mútua, em que ambos se sentem seguros e à vontade. Essa técnica permite, também, que o entrevistador não fique amarrado ao roteiro, pois há toda uma comunicação não verbal, de caráter dialógico, na medida em que é respeitada a fala do outro, exigindo a capacidade do entrevistador de colocar-se

no lugar do entrevistado.

A entrevista numa pesquisa qualitativa é vista como um instrumento metodológico essencial, para Minayo (1994, p. 57):

[...] é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e “neutra”.

O pesquisador busca entender o que está por trás das falas dos entrevistados, analisando-as no contexto em que os mesmos estão inseridos.

Na entrevista está presente também

[...] a emoção que define a ação: a existência na linguagem faz com que qualquer atividade humana tenha lugar numa rede particular de conversações, que se define em sua particularidade pelo emocional que define as ações que nela se coordenam (MATTURANA, 1993, apud SZYMANSKI, 2002, p. 12).

A emoção está presente em todas as atividades humanas e na entrevista, inclusive, mesmo que o entrevistador não conheça o entrevistado. As ideias tanto do entrevistado, como do entrevistador devem ser respeitadas porque são produtos da experiência humana, são construções históricas. E é por isso que o entrevistado tem o

direito de modificar suas proposições, suas respostas, a qualquer momento, durante a entrevista e depois revê-la, caracterizando-a como um processo reflexivo. Assim, no momento em que há essa “entrevista”, esse “diálogo” entre entrevistado e entrevistador, ocorre uma interação entre ambos que possibilita que o entrevistado mude sua opinião, por meio da reflexão, durante esse procedimento ou logo a seguir, relendo a transcrição de sua própria fala. Isso caracteriza a entrevista nesse sentido, dialógico, segundo Bakhtin (1981).

A emoção está intrínseca nas respostas, nas ideias do sujeito e cabe ao entrevistador percebê-la, durante o diálogo com o entrevistado.

A entrevista, nesse estudo, teve um caráter voluntário, pois ao concordar em serem entrevistados, os 32 alunos e os 04 professores, da rede oficial de ensino, sujeitos da pesquisa, foram ouvidos, deixando à mostra suas emoções, suas expectativas e suas considerações quanto ao objeto em estudo. Assim, a entrevista consiste em um instrumento essencial para o pesquisador e entrevistado, uma vez que o processo de significação das falas dos sujeitos é tão importante quanto o significado da entrevista em si mesma. Ao mesmo tempo em que conversam e dialogam tanto o entrevistador quanto

o entrevistado acabam também por refletir os porquês do objeto do estudo, oportunizando a ressignificação de conceitos e novos paradigmas por parte de ambos.

Os professores e alunos que participaram dessa pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Foi também enviado aos pais de uma das escolas, cujos alunos participaram do estudo, um termo de autorização, para ser por eles assinado, consentindo a participação de seus filhos no estudo, em atendimento à solicitação da direção da escola.

É importante esclarecer que elaborei esse documento para ser enviado a todos os pais dos alunos que participaram da pesquisa, mas apenas uma diretora de escola solicitou que fosse enviado aos pais. Os demais afirmaram não haver necessidade de tal procedimento.

A pesquisa foi realizada por amostragem, dessa forma fizeram parte do estudo, apenas 4 professores e 20% dos alunos de cada uma das turmas desses professores entrevistados; perfazendo um total de 32 alunos que frequentavam a 8ª série do Ensino Fundamental, em diferentes escolas no ano de 2004.

Escolhi professores de três redes de ensino (estadual, municipal e particular) para verificar se os mesmos ti-

nham concepções semelhantes e/ou muito distintas, sobre o ensino e a aprendizagem do inglês na 8ª série do ensino fundamental e também, porque acreditava que as normatizações e as diretrizes de ensino do inglês fossem diferentes entre as três redes.

Com relação à escolha dos alunos, esta foi aleatória em duas escolas e, em uma delas, a coordenação juntamente com a professora da turma, indicou quais alunos poderiam participar da pesquisa. Nessa escola, não tive acesso à sala de aula, não pude explicar para os alunos o que estava acontecendo e o porquê do estudo, conforme fiz para os alunos das outras escolas. Essa informação ficou sob a responsabilidade da professora da turma, por determinação da supervisão pedagógica. Ressalto que os alunos foram entrevistados nas respectivas escolas, sendo a data da entrevista também marcada pela supervisão escolar.

É importante ressaltar que a professora e os alunos que participaram do pré-teste, pertenciam à Rede Municipal de Ensino de Campo Grande e foram incluídos como sujeitos da investigação. Tal decisão ocorreu pelo fato de que, no pré-teste, percebi que as questões da entrevista estavam adequadas e eram compreensíveis, assim não havia impedimento em incluí-los no estudo. Foi realizada também a grava-

ção e a transcrição das falas dos sujeitos para facilitar a análise.

É fundamental ouvir os sujeitos pesquisados e trocar com eles informações por meio do diálogo, respeitando o que eles têm a dizer sobre o alvo do estudo, uma vez que nestes momentos, tanto o entrevistado, quanto o entrevistador podem ressignificar ideias, conceitos, representações, culminando com a transformação da ação pedagógica do professor. Segundo Sparti (apud SZYMANSKI, 2002, p. 56) “[...] este procedimento de dar voz aos sujeitos-pesquisados contribui, muitas vezes, à reflexão, às mudanças [...].” Na medida em que os sujeitos da pesquisa falam o que pensam, expressam suas concepções de ensino e de aprendizagem do Inglês, eles também recordam como agem em sala de aula. Esse “recordar” contribui à reflexão da ação docente.

Cabe ressaltar que os sujeitos foram entrevistados, individualmente, para evitar qualquer constrangimento, permitindo que ficassem à vontade e pudessem pensar sobre aspectos objetivos e/ou subjetivos relacionados com as suas práticas sociais, manifestando os seus pensamentos e falando sobre questões referentes ao ensino e aprendizagem da língua inglesa. Isso significa que, tanto os alunos, quanto os professores que participaram da

pesquisa puderam repensar sobre o que fazem em sala de aula, na medida em que tiveram a oportunidade de falar sobre suas práticas na escola.

A reflexão sobre a ação faz o professor “enxergar” suas crenças, teorias e atitudes pedagógicas como se estivesse diante de um espelho, e vendo a própria imagem nele refletida. E esse reflexo só tem sentido se levar a uma transformação. A entrevista não garante, porém, que a mesma ocorra, mas pode contribuir para isto, uma vez que ela faz tanto o professor quanto o aluno “mirarem-se no espelho”.

Para identificar as escolas, utilizei a denominação de cada cidade visitada por Gulliver, a primeira; Liliput, a segunda; Brobdingnag, a terceira foi Laputa - Ilha voadora; e a quarta escola foi denominada Houyhnhnms.

Para identificar os sujeitos da pesquisa, preservando suas identidades, utilizei para as professoras os nomes dos personagens das respectivas cidades visitadas por Gulliver, seguindo a mesma ordem acima: Rei, Babazinha, Mestre e Cavalo Cinza.

Para os alunos participantes da pesquisa, utilizei a palavra “cidadão” no idioma dos habitantes das cidades visitadas por Gulliver, na sequência já mencionada, seguida por numerais em ordem crescente. A palavra “cidadão” corresponde, respectivamente a:

“lilliputiano”, “povo”, “laputiano” e “yahoo”.

A análise dos dados coletados implicou a organização do material da seguinte forma: logo após a transcrição das falas dos sujeitos examinei-as em conjunto. A partir desse procedimento, fiz o recorte nas unidades de registro, no intento de encontrar as unidades de contexto correspondentes, procurando reunir somente aquelas palavras ou expressões que estivessem próximas de seu significado. Em seguida, repeti o mesmo procedimento com as outras unidades de registro.

É importante ressaltar que esse movimento não foi linear, implicou várias idas e vindas para que a análise fosse realizada com profundidade, sem direcionamentos pré-estabelecidos, para que houvesse o máximo de rigor e coerência entre os objetivos da pesquisa e os dados levantados. Este último aspecto é o fundamental dentro da Análise de Conteúdo. Assim, mediante a construção das unidades de registro, realizei nova análise para encontrar as categorias emergentes.

Esse processo de análise possibilita o estabelecimento de relações entre determinadas categorias. Algumas delas dão origem a novas categorizações. Para Bardín (1977, p. 117), as falas dos sujeitos participantes devem ser agrupadas por meio da categorização,

o que consiste em:

[...] uma operação de classificação de elementos constituintes de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

Nessas novas classificações, as categorias iniciais passam a constituir as unidades a serem categorizadas que denominei de variável teórica, também identificada no campo da AC como categorias intermediárias, que comparadas às unidades de registro e reagrupadas, levariam à construção das categorias emergentes.

Isso equivale a dizer que, primeiramente, foram constituídas as unidades de registro das análises, que correspondem às perguntas aos alunos e aos professores. Dessas perguntas, foram retiradas as unidades de contexto (temas relevantes, que advêm da entrevista realizada com os sujeitos pesquisados). Depois, identifiquei a “variável teórica”, (a essência das respostas dos sujeitos-pesquisados), visando à “categorização”, que conforme Bardin (1977) consiste na criação de categorias emergentes, para fins de análise, das falas dos sujeitos. Dessa forma, utilizei da AC para realizar:

[...] uma análise temática, descobrindo

os núcleos de sentido, compreendendo a significação do objeto em estudo” (BARDIN, 1977, p. 105).

Cabe ressaltar que os temas são anteriores à análise dos dados, pois eles fizeram parte do roteiro da entrevista. Assim, a tematização esteve sempre presente neste estudo, desde a sua fase inicial de elaboração da entrevista até a análise final dos depoimentos dos sujeitos. Tendo em vista que as essências das respostas destes, constituíram na descoberta das variáveis teóricas analisadas posteriormente. Nesta linha de raciocínio, após retirar a essência das respostas dos sujeitos, que denominei como explicitado anteriormente, de variável teórica, fiz a categorização, cuja operação corresponde à classificação dos elementos por diferenciação ou semelhança.

O critério utilizado para categorização, neste estudo, foi o de agrupamento lexical por semelhanças das respostas, retirando a essência das respostas dos sujeitos e construindo, desta forma, categorias específicas de análise, o que segundo Mucchielli (1974, apud FRANCO, 2003, p. 16) exige:

[...] julgamento comparativo e mesmo anteriormente a esse julgamento, é necessário haver a compreensão dos enunciados a serem classificados, a abstração do significado e do sentido

das mensagens e a inferência (ou intuição) das categorias classificatórias.

Assim, a partir de uma primeira leitura das informações obtidas durante a pesquisa de campo, que Bardin (1977, p. 60), denomina de “leitura fluante”, pude analisar as respostas das entrevistas, identificando o tema. Tal procedimento é caracterizado pela indução de temas, que na AC faz-se por dedução de inferências. Assim, os temas (unidades de registro) também possibilitaram o reconhecimento das variáveis que constituíram nas essências das respostas, face às perguntas, possibilitando inferir categorias de análise. Ao término, com as categorias já definidas, realizei a análise das referidas respostas, apoiando-me no referencial teórico da AC.

Procurei compreender a fala dos sujeitos-pesquisados, indo além do aparente em suas falas, utilizando do procedimento de entendimento semântico (compreensão do sentido do enunciado). A variável teórica resultou da retirada do enunciado do tema principal do que foi dito pelos sujeitos pesquisados e da análise ampla, inserindo-a num contexto que permitisse entendê-la dentro de uma complexidade exterior, de forma que o sentido pudesse ser entendido pelo “dito” e o “não dito”. Desse modo, o pesquisa-

dor é um arqueólogo, pois trabalha com vestígios, extrapolando o conteúdo manifesto nas mensagens e indo até seu conteúdo latente, seguindo-as, como um detetive que persegue suas pistas e fica atento às diversas formas de linguagem expressas pelos sujeitos.

Sendo assim, a análise dos dados levantados em uma pesquisa, que segue o método da AC, considera a linguagem não autônoma, pois entende que ela depende da história (os fatos têm sentido) e o sujeito é afetado pela língua e pela história, não tendo o controle deles e muitas vezes, nem percebe como eles o afetam. Por isso, a fala dos sujeitos é uma produção de sentidos entre os interlocutores do diálogo, no caso, orientado pela entrevista. Portanto, as condições históricas, tanto do entrevistado, como do entrevistador são determinantes para a descoberta das significações.

#### **4 Conclusões**

Nessa perspectiva, procurei “enxergar” os elementos implícitos nas falas dos sujeitos da pesquisa, os sentidos dados por eles, localizando as condições históricas e sócio-ideológicas de produção das suas falas sobre o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa, bem como suas concepções teóricas e suas expectativas em relação

ao aprender Inglês.

Caminhar nesse processo significou contextualizar sempre, uma vez que a contextualização consiste em um dos principais requisitos da AC, sendo “o pano de fundo” seu, como afirma Franco (2003, p. 24), garantindo a relevância dos resultados. Além do que, fazer inferências no decorrer da análise corresponde ao:

[...] procedimento intermediário, que vai permitir a passagem da descrição à interpretação dos dados coletados (FRANCO, 2003, p. 25).

Inferir significa fazer deduções, criar hipóteses e indagações acerca do objeto em estudo, tal procedimento é vital para compreender e analisar os dados coletados.

Nesse sentido, a AC serviu de aporte teórico à pesquisa descrita e espero ter demonstrado, com essa revisão bibliográfica, a importância e o significado da Análise de Conteúdo de linha francesa para as pesquisas educacionais contemporâneas.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**.

Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, R; BIKLEN. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora do Porto, 1994.

DUARTE, N. **Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós modernas da teoria vigotskiana**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2000.

FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.